

# promontoria

Revista de História, Arqueologia e Património da Universidade do Algarve

Ano 12 - N.º 12  
2015 - 2016

**Editor**

Faculdade de Ciências Humanas e Sociais  
Universidade do Algarve  
Campus de Gambelas, Faro  
promontoria@ualg.pt

**Comissão Editorial**

António Paulo Oliveira  
Maria João Valente  
Renata Malcher de Araujo

**Dossier Algarve Rural**

Miguel Reimão Costa  
Susana Calado Martins

**Conselho Científico**

Cláudio Torres (Campo Arqueológico de Mértola)  
Cristiana Bastos (Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa)  
Joaquim Romero Magalhães (Universidade de Coimbra)  
Jorge Alarcão (Universidade de Coimbra)  
José Eduardo Horta Correia (Universidade do Algarve)  
Jean Pierre Molenat (Centre National de la Recherche Scientifique, França)  
Lawrence G. Straus (University of New Mexico, Estados Unidos da América)  
Maria Jesus Viguera (Universidad Complutense de Madrid, Espanha)  
Michael Kunst (Deutsches Archäologisches Institut, Alemanha)  
Pedro Dias (Universidade de Coimbra)  
Zília Osório de Castro (Universidade Nova de Lisboa)

**IMPRESSÃO**

Gráfica Comercial – Loulé  
[geral@graficacomercial.com](mailto:geral@graficacomercial.com)  
[www.grficacomercial.com](http://www.grficacomercial.com)

**TIRAGEM**

250 exemplares

ISSN 1645-8052

DEPÓSITO LEGAL N.º 199519/03

# Novos apontamentos para o estudo da talha em Minas Gerais, a partir do mapeamento da oficina do entalhador lisboeta

**José Coelho de Noronha**

Aziz José de Oliveira Pedrosa  
doutorando em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Minas Gerais

## Notas Introdutórias

Sabe-se que a caudalosa produção artística ocorrida em Minas, durante o século XVIII, aflorou no momento em que as vilas e arraiais erguiam seus templos religiosos. Tais obras foram possíveis por intermédio do patrocínio das poderosas irmandades, que detinham grandes riquezas e se empenhavam em erguer igrejas e capelas. A arquitetura desses templos religiosos é destaque na paisagem das cidades onde se encontram, mas foi em seus interiores que a arte se fez intensamente presente por meio, principalmente, da pintura e da talha dourada.<sup>1</sup> Esta última foi utilizada como elemento de composição ornamental e, sobretudo, como veículo de divulgação dos preceitos católicos contrarreformistas, delimitados pelo Concílio de Trento (1545-1563) e que em Minas foram amplamente divulgados.

São muitas as considerações que se pode fazer sobre esse fértil ciclo de produção artística, contudo, tem como finalidade este texto analisar algumas questões referentes às oficinas que estiveram a serviço da produção da talha na Capitania de Minas, no correr do século XVIII. Visto preexistirem alguns vazios a respeito do assunto, frutos da estagnação de pesquisas em arquivos históricos que impossibilitam germinar novas discussões sobre a produção da arte local.

Referente ao tema, são conhecidas a vida e obra de alguns entalhadores ativos em Minas que obtiveram prestígio à época de sua atuação, recaindo sobre eles, quase sempre, a autoria da execução das principais obras de talha existentes nas igrejas mineiras. Desses nomes, conhecessem-se Francisco Xavier de Brito, Francisco Vieira Servas, José Coelho de Noronha e Antônio Francisco Lisboa. Poder-se-ia, ainda, citar alguns outros nomes, o que se tornaria injusto diante do grande número de artífices que contribuíram para efetivação da arte luso-mineira<sup>2</sup> e que permanecem anônimos.

A obra desses e de outros profissionais do ofício da talha, caso que também se estende à pintura, torna-se objeto de estudo, geralmente, a partir do

---

<sup>1</sup> Conforme Borges, a talha confere ao interior das igrejas o movimento, contraste e riqueza. Sua aplicação ocorria em retábulos, púlpitos e paredes constituindo elementos indispensáveis à arquitetura religiosa setecentista. BORGES, Nelson Correia. Do Barroco ao Rococó, *História da Arte em Portugal*. Lisboa: Publicações Alfa, v. 8, 1986, p. 47.

<sup>2</sup> Agradeço ao Professor Marcos Hill pela sugestão do termo "arte luso-mineira". Utilizada neste texto para se referir à arte setecentista existente em Minas Gerais, produzida, sobretudo, durante a primeira metade do século XVIII.

momento que se constata, por meio de documentação primária, seus nomes arrolados em registros que formalizaram a contratação dos trabalhos artísticos: contratos de arrematação, ordens de pagamentos, dentre outros meios legais coevos dos quais se valiam os contratados e contratantes de tais serviços. Nesses casos, comumente, toma-se como autor da obra o nome do entalhador citado, ignorando-se os arranjos realizados concretizados por meio de oficinas, onde profissionais de diversos ofícios somavam esforços para efetivação dos trabalhos.

É sabido que os entalhadores não atuavam isolados na fábrica dos retábulos, visto se tratarem de obras complexas que demandavam certo número de profissionais para auxiliar nas diversas tarefas existentes, exigindo, assim, o envolvimento de carpinas, carpinteiros e ensambladores. Além disso, as esculturas dos retábulos apontam tratarem-se de peças esculpidas por diferentes entalhadores, visíveis tais aspectos pela boa qualidade na execução de alguns entalhes, em contraposição a outros cuja fatura demonstra limitações técnicas por parte dos artistas que os produziram. Essas dificuldades poderiam, entre outros fatores, ser fruto da presença de aprendizes nesses ambientes, que eram iniciados no universo artístico diante dos ensinamentos de um mestre.

Sobre essas dúvidas que cercam o tema, pode-se citar a destacada produção artística do Aleijadinho, a quem se atribuí uma grande quantidade de obras que exigiriam do artista tempo de vida superior ao que gozou para realizar todos os trabalhos, caso os executasse sozinho. Nesse cenário, ficam ocultados os demais profissionais que, provavelmente, estiveram em atividade em sua oficina. Essas relações de trabalho podem ter propiciado aos oficiais que laboravam com o Aleijadinho, assimilar e repetir seus marcantes traços escultóricos. Contribuindo para que seja atribuída ao Aleijadinho a autoria de algumas obras, mas que podem ter sido realizadas por outros artistas que compuseram sua oficina e que propagaram algumas das características e peculiaridades escultóricas do mestre.<sup>3</sup>

Mesmo diante de tais evidências, como acima citado, não são conhecidas as oficinas que estiveram a serviço da arte da talha na Capitania de Minas. São de conhecimento alguns casos de artistas que mantiveram vínculos profissionais com outros entalhadores, mas não se sabe, ao certo, quais foram as relações profissionais por eles estabelecidas. Tudo isso se mostra contraditório, pois a documentação existente permite mapear alguns desses ateliês em atividade nas Minas do ouro.

---

<sup>3</sup> Deve-se pesquisar sobre esses homens que laboraram com o Aleijadinho, o que seria grande contributo para se escrever mais um capítulo da vida e obra do mestre. Pois, é sabido que com ele laboraram alguns oficiais, como consta em documentos analisados por Zoroastro Passos Viana. Além disso, tal pesquisa possibilitaria estudar obras cuja autoria é atribuída ao Aleijadinho, mas que podem ter sido realizadas por outros oficiais. Todavia, foge à proposta dessa pequena contribuição aprofundar no fascínio que causa a obra do mestre Aleijadinho. Ver: PASSOS, Zoroastro Viana. *Em torno da história de Sabará*. Rio de Janeiro: Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 1940. p. 137.

Diante de tudo isso, novos subsídios para o estudo da arte luso-mineira vieram a público e trouxeram dados históricos sobre a oficina de talha que contou com o comando do entalhador lisboeta José Coelho de Noronha. Essa oficina foi composta por diversos profissionais das artes e dos ofícios e esteve a serviço da produção da talha em Minas Gerais, durante algumas décadas do século XVIII, atuando em diversos templos religiosos da Capitania. Nesse sentido, o presente texto tem como orientação discutir a organização e atuação dessa oficina nas igrejas mineiras, apresentar os artistas que a compuseram e demonstrar algumas influências que tiveram na construção dos códigos ornamentais estilísticos em voga no universo artístico mineiro setecentista.

### **A oficina de José Coelho de Noronha**

Pouco se sabia a respeito do renomado entalhador José Coelho de Noronha, contudo, estudos recentes<sup>4</sup> trouxeram a conhecimento importantes notas sobre sua vida e obra. As pesquisas de Pedrosa (2012) demonstraram a destacada atuação de Noronha em algumas igrejas de Minas entre os anos de c.1744 até 1765. Dessas igrejas, onde laborou o dito entalhador, pode-se citar: a Sé de Mariana, a Matriz de Santo Antônio (Santa Bárbara), a Matriz de Nossa Senhora do Pilar (Ouro Preto), a Matriz de Nossa Senhora da Conceição (Ouro Preto), a Matriz de Nossa Senhora do Pilar (São João del-Rei) e a Matriz de Nossa Senhora do Bom Sucesso (Caeté). Muito se pode discorrer sobre a notória carreira artística de Noronha nas igrejas supracitadas, entretanto, merece destaque a oficina de talha que esteve em atividade com o entalhador diante dos serviços por ele arrematados. (fig. 1)

Como discutido, é corrente na historiografia da arte religiosa mineira atribuir a alguns poucos nomes a autoria das obras de pintura e talha, tomando-se como referência os documentos de arrematação dos serviços e outros registros onde constam nomes dos artistas envolvidos nesses trabalhos. De fato, em muitos casos os nomes constantes na documentação designam aqueles que foram os responsáveis pelos ateliês. Geralmente, o arrematante era quem fazia a gestão da oficina e conduzia os trabalhos, de modo que na obra final sempre ficavam em evidência as marcas, preferências e características de sua personalidade artística, possibilitando aos pesquisadores conhecer o glossário dos cacoetes do mestre e, até mesmo, identificar por métodos comparativos outras obras sem autoria determinada. Essa metodologia trouxe importantes contribuições para o estudo da arte setecentista em Minas, principalmente porque, em alguns casos, a inexistência de documentação primária impossibilita aprofundar pesquisas sobre o objeto

---

<sup>4</sup> Ver: PEDROSA, Aziz José de Oliveira. *José Coelho de Noronha: artes e ofícios nas Minas Gerais do Século XVIII*. 2012. 313 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Escola de Arquitetura, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

artístico, fazendo com que se busquem ferramentas alternativas na tentativa de se conhecer as prováveis autorias das obras.

De toda forma, é possível localizar nas entrelinhas desses documentos testemunhos ocultos que permitem levantar a participação de outros artífices na produção dos serviços artísticos. Pode-se constatar isso quando se analisa os contratos de arrematação e demais registros que formalizaram as questões que se sucederam no correr das obras, onde são listados nomes de entalhadores e demais artífices que se envolviam na confecção da talha. Em alguns casos, assinavam esses oficiais como testemunhas dos atos de registro dos documentos.

Essas minúcias encontradas na documentação das obras nas quais se envolveu José Coelho de Noronha, possibilitaram mapear a oficina de talha que esteve em atividade com o entalhador. Entretanto, sabe-se que algumas armadilhas podem coexistir em uma leitura superficial das fontes primárias, induzindo o pesquisador a apontar como executor da obra de talha o nome do arrematante dos serviços, o que nem sempre pode ser considerado como uma afirmação legítima. Isso acontece, por exemplo, quando se estudam alguns retábulos da Sé de Mariana arrematados por Félix Ferreira Jardim, mas que não foram por ele executados. Sabe-se que foi o referido Jardim arrematante da obra do retábulo de São Miguel e Almas, da Sé de Mariana.<sup>5</sup> No entanto, a documentação registra que ele arrematou os serviços e concedeu a José Coelho de Noronha autorização para produzir a talha.

Félix Ferreira Jardim tem muito a informar sobre as questões referentes ao universo da talha, principalmente por se saber de seu envolvimento em diversos contratos de serviços de talha que aconteceram simultaneamente, o que além de impossibilitar seu trabalho em todas essas obras, acarretou-lhe processos judiciais por descumprimento de cláusulas contratuais pré-estabelecidas. Esse exemplo demonstra que nem sempre o arrematante dos serviços era seu executor. Vinculação esta que pode, muitas vezes, ocultar o nome de outros artistas que foram fundamentais para produção da talha. Acredita-se que muitos nomes arrolados como arrematantes de serviços se tratavam de homens que atuavam como empresários, angariando as obras e subcontratando, posteriormente, os artistas que seriam de fato os executores da talha. Situação essa na qual, provavelmente, se encontrava Félix Ferreira Jardim, dentre tantos outros. (fig. 2)

Em meio a essas questões que permeiam a pesquisa sobre a arte em Minas, notou-se que nas obras, cuja autoria é atribuída a José Coelho de Noronha, coexistem marcas escultóricas que evidenciam a presença de outros artífices envolvidos na confecção dos serviços. Nesses casos, a qualidade técnica do entalhe de alguns ornamentos demonstra não se tratarem de trabalhos executados por um

---

<sup>5</sup> Ver: PEDROSA, Aziz José de Oliveira. Uma Oficina de talha na Sé de Mariana: o fazer artístico e o contrato de trabalho. In: *Varia História*, Belo Horizonte, v. 29, n. 50, p. 597-631, maio/agosto de 2013.

artista experiente, como o foi Noronha.<sup>6</sup> Isso ocorre, por exemplo, no retábulo-mor da Matriz de Caeté, onde José Coelho de Noronha arrematou os serviços de talha. Nesse retábulo é possível visualizar esculturas que acusam a mão de outros artistas que, provavelmente, estavam sob a coordenação de Noronha.

\*\*\*

Não se tinha, até o momento, notícias de um grupo fixo de oficiais que acompanhou José Coelho de Noronha nas obras por ele realizadas, compondo uma oficina de talha sob sua liderança. Da mesma forma que são raros os estudos que conseguiram pontuar a existência desses arranjos organizacionais, apesar de se saber que foram comuns no meio artístico luso-brasileiro. Entretanto, as pesquisas em arquivos apontaram a presença de alguns oficiais que mantiveram parceria com Noronha na execução de serviços entre os anos de 1744 e 1765. Esses nomes aparecem reiteradas vezes relacionados à figura de José Coelho de Noronha, atuando, sempre, nas mesmas obras em que esteve envolvido o entalhador. As relações de trabalho, por eles mantidas, ficaram explícitas por meio do estudo de documentação<sup>7</sup> referente aos problemas que se sucederam nas obras de alguns retábulos da Sé de Mariana, fornecendo, desse modo, as informações necessárias para subsidiar o mapeamento da referida oficina.

Nesse sentido, sabe-se que Noronha lançou mão de uma oficina composta por artífices de diversos ofícios para realizar a talha do retábulo de São Miguel e Almas, na Sé de Mariana. Compuseram o referido ateliê os entalhadores Amaro dos Santos, Manoel João e Antônio Pereira, o mestre pedreiro Manoel Gomes, o carpinteiro Luiz Mendes e o carapina Simão Franco Monteiro. Ainda na Sé de Mariana, Coelho de Noronha foi o responsável por efetuar a talha dos retábulos colaterais de Nossa Senhora da Conceição<sup>8</sup> e de São José.<sup>9</sup> Pelo que foi possível averiguar por intermédio de registros coevos,<sup>10</sup> José Coelho de Noronha esteve, também, envolvido na execução de mais outros dois retábulos da Sé de Mariana, o de Santo Antônio e de Nossa Senhora do Rosário. Todos esses trabalhos foram

---

<sup>6</sup> Grande parte da documentação referente às obras nas quais esteve envolvido José Coelho de Noronha, apontam o entalhador como "mestre", o que implica a ele ser o líder do ateliê de talha, uma vez que a figura do mestre era aquela que conduzia os trabalhos, ditava ordens e realizava as peças de maior dificuldade técnica, como figuras antropomórficas, rostos e mãos.

<sup>7</sup> Ver: PEDROSA, Aziz José de Oliveira. Uma Oficina de talha na Sé de Mariana: o fazer artístico e o contrato de trabalho. In: *Varia História*, Belo Horizonte, v. 29, n. 50, p. 597-631, maio/agosto de 2013.

<sup>8</sup> ARQUIVO ECLESIASTICO DO ARCEBISPADO DE MARIANA – *Livro de receitas e despesas da Irmandade de Nossa Senhora da Conceição, 1747-1832*, fl. 5 v.

<sup>9</sup> As proximidades formais e estéticas existentes entre os retábulos de São José e de Nossa Senhora da Conceição, ambos na Sé de Mariana, permitem apontar ser de José Coelho de Noronha a autoria do retábulo de São José, uma vez comprovada sua atuação no retábulo de Nossa Senhora da Conceição.

<sup>10</sup> Ver: PEDROSA, Aziz José de Oliveira. Uma Oficina de talha na Sé de Mariana: o fazer artístico e o contrato de trabalho. In: *Varia História*, Belo Horizonte, v. 29, n. 50, p. 597-631, maio/agosto de 2013.

realizados entre os anos de 1745 – 1749 e, certamente, foram frutos de uma grande empreitada possível pelo trabalho em conjunto de uma oficina.

Minúcias desse ateliê, de sua formação e até mesmo do modo como era direcionado o trabalho em prol da adequação da arte com a estética corrente, podem ser conhecidos por intermédio dos dados arrolados no documento em análise.<sup>11</sup> Além disso, foi possível efetuar o mapeamento desse ateliê e assim compreender quais eram os oficiais que, de fato, participavam na produção dos serviços de talha, demonstrando que o trabalho em equipe foi fundamental para arte da talha, reunindo-se nessas oficinas profissionais de variados ofícios. Acredita-se que essa oficina esteve em atividade com Noronha em todas as obras, nas quais se envolveu o entalhador, na Sé de Mariana.

Na sequência dos serviços de talha arrematados por Noronha foi possível comprovar apenas a permanência de dois dos artífices que com ele laboraram na Sé: Amaro dos Santos e Manoel João Pereira, desconhecendo-se o paradeiro dos demais. Isso sinaliza a possibilidade de uma oficina de talha contar com membros fixos e outros que eram contratados conforme as demandas dos trabalhos a serem feitos. Pela permanente presença de Amaro dos Santos e Manoel João Pereira trabalhando com José Coelho de Noronha e, diante do fato de ainda serem esses artistas desconhecidos da historiografia da arte luso-mineira, resolveu-se empreender uma pequena pesquisa no intuito de compreender quem foram esses homens e qual papel desempenharam junto ao Noronha. Apesar das dificuldades encontradas no levantamento de dados, segue abaixo pequeno relato embasado em documentos, que esclarece um pouco sobre os entalhadores supracitados.

Amaro dos Santos, oficial entalhador, nasceu no ano de 1708.<sup>12</sup> Trabalhou juntamente com Noronha a partir de c.1744, na fatura do retábulo-mor<sup>13</sup> da Matriz de Santo Antônio, na cidade de Santa Bárbara.<sup>14</sup> Finalizados esses serviços, trabalhou ele com Noronha na talha do retábulo de São Miguel e Almas da Sé de Mariana,<sup>15</sup> por volta de 1745 a 1749. Provavelmente, seus serviços na Sé se estenderam para outros retábulos nos quais Noronha também realizou a talha. Após essas datas, no ano de 1754, Amaro dos Santos assinou recibo pelos serviços de limpeza da talha<sup>16</sup>

<sup>11</sup> Ver: PEDROSA, Aziz José de Oliveira. Uma Oficina de talha na Sé de Mariana: o fazer artístico e o contrato de trabalho. In: *Variá História*, Belo Horizonte, v. 29, n. 50, p. 597-631, maio/agosto de 2013.

<sup>12</sup> ARQUIVO DA CASA SETECENTISTA DE MARIANA. *Ações cíveis*, Códice 251, Auto 6217, Cartório do 2º ofício. fl. 33 v.

<sup>13</sup> José Coelho de Noronha recebeu pagamentos pela obra de talha do retábulo-mor da Matriz de Santa Bárbara, no ano de 1745. Ver: ARQUIVO ECLESIASTICO DO ARCEBISPADO DE MARIANA. *Livro de Receitas e Despesas da Irmandade Santissimo Sacramento*. Matriz de Santo Antônio de Santa Bárbara, Prateleira X-12. Santa Bárbara 1741-1805.

<sup>14</sup> ARQUIVO DA CASA SETECENTISTA DE MARIANA. *Ações cíveis*, Códice 251, Auto 6217, Cartório do 2º ofício. fl. 34 v.

<sup>15</sup> ARQUIVO DA CASA SETECENTISTA DE MARIANA. *Ações cíveis*, Códice 251, Auto 6217, Cartório do 2º ofício. fl. 33 v.

<sup>16</sup> ARQUIVO DA PARÓQUIA DE NOSSA SENHORA DO PILAR. *Livro de receitas e despesas da Irmandade do Santissimo Sacramento*, 1749-1810, vol. 218, fl. 44 v.

do retábulo-mor da Matriz de Nossa Senhora do Pilar, da cidade de Ouro Preto. Sabe-se que Noronha também recebeu pagamentos por trabalhos realizados no retábulo-mor do Pilar de Ouro Preto. Mais tarde, Amaro dos Santos é citado como louvado<sup>17</sup> no processo impetrado por Noronha para receber pagamentos, não efetuados, referentes à obra do retábulo-mor da Matriz de Caeté. Por fim, Amaro dos Santos, em dezembro de 1763, residindo em Vila Nova da Rainha, atual Caeté, assina como testemunha<sup>18</sup> de que José Coelho de Noronha, naquela data, registrara testamento em cartório.

A constante presença do entalhador Amaro dos Santos trabalhando com José Coelho de Noronha, desde suas obras em Santa Bárbara, passando por Mariana, Ouro Preto até Caeté, fornece novas possibilidades para o entendimento da oficina de talha que, provavelmente, esteve em atuação direta com Noronha. Apesar de não ter sido explicitado o nome de Amaro dos Santos na confecção da talha do retábulo-mor da Matriz de Caeté, certamente foi ele um dos entalhadores que nesse retábulo-mor laborou, diante das evidências existentes entre as relações de trabalho que por cerca de vinte anos mantiveram ele e o Noronha.

Outro nome constantemente citado nas obras de talha em que trabalhou Noronha é do entalhador Manoel João Pereira. Conforme citam os registros, Manoel João Pereira laborou, juntamente com Noronha, nos trabalhos de talha da Matriz de Santa Bárbara<sup>19</sup> e no retábulo de São Miguel e Almas da Sé de Mariana,<sup>20</sup> obras que aconteceram entre os anos de 1744 a 1749. Depois disso, Manoel João Pereira assinou pagamentos<sup>21</sup> por serviços efetuados na talha da capela-mor da Matriz do Pilar de Ouro Preto, cujos documentos descrevem a situação de sociedade entre ele e Amaro dos Santos. Após esses registros, Manoel João participou como testemunha da entrega do testamento de Coelho de Noronha, no ano de 1763, em Vila Nova da Rainha, tal qual o fez Amaro dos Santos. Demonstra-se, desse modo, a atividade de Manoel João Pereira juntamente com Coelho de Noronha. Não foi localizada documentação referente à confecção da talha do retábulo-mor da Matriz de Caeté, na qual seja citado o nome de Manoel João Pereira, mas, certamente, ele ali laborou por ser um dos membros fixos que compuseram o ateliê de Noronha. Além disso, não estaria em Caeté, juntamente com Noronha e Amaro dos Santos, se não fosse em função do trabalho a ser realizado.

---

<sup>17</sup> MARTINS, Judith. *Dicionário de artistas e artífices dos séculos XVIII e XIX em Minas Gerais*. Rio de Janeiro, Publicações da Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, nº 27, 1974, p. 73.

<sup>18</sup> ARQUIVO DO ESCRITÓRIO TÉCNICO II DO IPHAN. São João del-Rei, *Inventário*, 1765, Noronha, José Coelho de, Inventariante: Leitão, Sebastião Ferreira, Caixa: 345, fl. 11 v.

<sup>19</sup> ARQUIVO DA CASA SETECENTISTA DE MARIANA. *Ações cíveis*, Códice 251, Auto 6217, Cartório do 2º ofício, fl.32.

<sup>20</sup> ARQUIVO DA CASA SETECENTISTA DE MARIANA. *Ações cíveis*, Códice 251, Auto 6217, Cartório do 2º ofício, fl.32.

<sup>21</sup> ARQUIVO DA PARÓQUIA DE NOSSA SENHORA DO PILAR. *Livro de receitas e despesas da Irmandade do Santíssimo Sacramento*, 1749-1810, vol. 218, fl. 45-45v.

Assim, foi possível constatar, por meio do estudo de documentação, Amaro dos Santos e Manoel João Pereira trabalhando, por longo período de tempo, como entalhadores nas mesmas obras em que laborou Noronha, o que permite considerar serem esses oficiais membros do ateliê de talha que esteve sob a liderança do mestre lisboeta, uma vez que foi ele a figura central nos trabalhos em que esteve ativo, pois foi o arrematante de obras, e, certamente, o responsável por direcionar os trabalhos na posição de líder, fato esse ocorrido na confecção de alguns retábulos da Sé de Mariana.

Importante também foi avançar os estudos acerca da oficina de talha que laborou na produção do retábulo-mor da Matriz de Nossa Senhora do Bom Sucesso, em Caeté. Não se tinha conhecimento da presença de outros oficiais na dita obra, salvo o nome de José Coelho de Noronha que foi o arrematante dos serviços. Todavia, a escultura de algumas peças do retábulo-mor da Matriz de Caeté demonstram traços escultóricos que apontam envolvimento de outros artistas na fatura de sua talha, que hoje se sabe se trataram de Amaro dos Santos, Manoel João Pereira e Manoel Antônio de Azevedo Peixoto.

O entalhador Manoel Antônio de Azevedo Peixoto foi citado como louvado no ano de 1763, juntamente com Amaro dos Santos,<sup>22</sup> no processo em que Noronha reclamava pagamentos, não efetuados, referentes à obra do retábulo-mor da Matriz do Bom Sucesso, em Caeté. Esse mesmo entalhador assinou documento como testemunha do registro do inventário de Noronha, na Vila Nova da Rainha, no ano de 1763. Apesar de não terem sido encontrados registros a respeito da atuação de Manoel de Azevedo Peixoto com Noronha, provavelmente, ele também esteve envolvido na confecção da talha do retábulo-mor da Matriz de Caeté, juntamente com os oficiais acima citados, o que lhe implicou participar dos processos judiciais impetrados por Coelho de Noronha.

Ressalta-se que Manoel de Azevedo Peixoto é peça chave para se compreender a obra de Noronha em Caeté, além de poder ser de sua autoria a talha de alguns retábulos existentes em outras igrejas de Minas. Esse entalhador, finalizados os serviços em Caeté, apareceu no ano de 1767 arrematando a talha do retábulo-mor da Capela de Nossa Senhora da Conceição do Convento das Macaúbas, em Santa Luzia.<sup>23</sup> Obra essa, erroneamente, apontada como sendo de

---

<sup>22</sup> MARTINS, Judith. *Dicionário de artistas e artífices dos séculos XVIII e XIX em Minas Gerais*. Rio de Janeiro, Publicações da Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, nº 27, 1974, p. 73.

<sup>23</sup> Manoel Antônio de Azevedo Peixoto, morador no então arraial de Santa Bárbara, foi ao mesmo tempo o entalhador e empreiteiro que a tomou (a obra de talha do retábulo-mor da Capela do Convento das Macaúbas, Santa Luzia) a seu cargo. Pelo contracto feito a 8 de agosto de 1767, Azevedo Peixoto receberia pagamento de um conto, cento e cinquenta mil réis, em duas prestações: duzentos mil réis no meio da obra, e o restante quando lhe puzesse a última demão. Seis meses no máximo gastou Azevedo Peixoto desde que meteu mãos à obra até o dia em que lhe pôs o remate, pois a dois de Fevereiro de 1768 passou recibo do último pagamento, que fora pactuado para depois de concluído o serviço. Cousa mui para notada é a segurança com que procurava garantir-se o entalhador. Para a quantia de que se falou foi necessário que as Recolhidas apresentassem abonador e principal pagador. (...) Do mesmo Azevedo Peixoto, existe no Capítulo do Recolhimento um trabalho de completo relevo, que

autoria de José Coelho de Noronha, o que é pouco provável por ter ele falecido no ano de 1765.

Essas indicações são feitas diante das similaridades da talha do retábulo-mor do Convento das Macaúbas com a talha do retábulo-mor da Matriz de Caeté, pois elas apresentam estrutura e preferências ornamentais muito próximas, demonstrando que um desses retábulos pode ter exercido influência sobre o outro. Em busca de respostas para essas questões, prosseguiu-se a análise dos registros documentais existentes para que se pudessem averiguar as datas de arrematação dos serviços de talha, o que indica que, naquele momento, já se encontravam finalizados os riscos e demais apontamentos nos quais os entalhadores deveriam se referenciar para produzir as obras. A documentação demonstra que a talha do retábulo-mor da Matriz de Caeté foi arrematada por Noronha no ano de 1758,<sup>24</sup> data esta na qual, provavelmente, já tinha sido definido o risco do projeto que foi visto e analisado pelo entalhador, antes da assinatura do termo de arrematação, o que lhe acarretou seguir esses direcionamentos para efetuar a obra. Infelizmente não foi possível localizar o nome do responsável pelo projeto do retábulo-mor da Matriz de Caeté, o que muito contribuiria para estudos sobre os elementos formais e preferências estéticas que compõem a referida talha.

Por outro lado, a obra de talha da Capela do Convento das Macaúbas foi arrematada no ano de 1767, por Manoel de Azevedo Peixoto. Nesse sentido, separa a confecção da talha dos retábulos-mores da Matriz de Caeté e da Capela das Macaúbas um período de, aproximadamente, nove anos o que possibilita apontar ter sido o retábulo-mor da Matriz de Caeté o modelo para o das Macaúbas. Além disso, para a talha do retábulo-mor da Matriz de Caeté, recorreu-se ao uso de elementos formais e estilísticos que compuseram a talha do estilo joanino, ainda que coexistam, nesse retábulo, alguns adornos que demonstram o despontar do Rococó na talha em Minas. Por sua vez, no retábulo-mor da Capela das Macaúbas a estrutura retabular e seus ornamentos indicam sintonia com as formas e preferências estéticas do Rococó que, à época de sua fatura, predominavam nos retábulos setecentistas de Minas. Essas reflexões permitem compreender que, por mais que a talha de Noronha em Caeté demonstrasse afinidades com o nascente Rococó, não teria sido ele um mestre a lidar com as novidades ornamentais que surgiam, pelo fato de suas obras terem sofrido influência do estilo joanino, propagado por ele na talha de alguns retábulos da Sé de Mariana, no retábulo-mor da Matriz do Pilar de São João del-Rei e em outras obras por ele realizadas. Esses

---

bem lhe abona o nome de hábil estatuário. É uma bela Imagem representando Santa Quitéria, obra de madeira, medindo setenta e um centímetros de altura, e com olhos de vidro. Custou a Madre Regente a somma de vinte e cinco oitavas de ouro, como o declara um recibo assignado pelo estatuário em 1765.

Ver: SOUZA, Joaquim Silvério de. *Sítios e personagens*. Belo Horizonte: Imprensa oficial de Minas Geraes, 1930, p. 284-287.

<sup>24</sup> ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO. Seção Colonial, Delegacia Fiscal, códice1075, fls.104, 127.

fatos, dentre outros já mencionados, inviabilizam apontar ter sido José Coelho de Noronha o entalhador responsável pela fatura do retábulo-mor da Capela do Convento das Macaúbas. (fig. 3)

Em hipótese, a existência de elementos formais do Rococó no retábulo-mor da Matriz de Caeté pode ter sido fruto de intervenções do entalhador Manoel de Azevedo, visto que no retábulo-mor da Capela de Nossa Senhora da Conceição, do Convento das Macaúbas, o entalhador trabalhou temas do Rococó na fatura da talha. Outras dúvidas surgem a respeito da colaboração de Manoel de Azevedo Peixoto na talha do retábulo-mor da Matriz de Caeté e, talvez, seja essa a maior evidência de que ele tenha desempenhado grande papel na produção da dita talha. Isso ocorre pelas similaridades escultóricas existentes entre a alegoria do Deus Pai presente no coroamento dos retábulos-mores da Capela das Macaúbas e da Matriz de Caeté. Mantém essas esculturas estritas relações de semelhança, demonstrando possibilidades de Manoel de Azevedo ter laborado na fatura dessas peças em Caeté ou, até mesmo, ter realizado por completo sua escultura. Capacitando-o, posteriormente, reproduzir o modelo no retábulo-mor das Macaúbas. Algumas figuras antropomórficas aladas, existentes no retábulo-mor da Matriz de Caeté (cabecinhas de anjos que ladeiam o Deus Pai), possuem a mesma escultura das cabecinhas de anjos do retábulo-mor das Macaúbas, o que permite, conhecida a intervenção de Manoel de Azevedo na talha desse último retábulo, apontar ser dele a escultura dessas peças no retábulo-mor de Caeté.

Assim, demonstra-se que repostas para as dúvidas existentes relacionadas à talha do retábulo-mor do Convento das Macaúbas podem ser encontradas diante da presença de Manoel de Azevedo na oficina de talha de Noronha, em Caeté, o que lhe permitiu perpetuar o estilo consagrado pelo mestre. Além disso, o estudo da obra de Manoel de Azevedo Peixoto pode apontar sua provável participação na talha de alguns retábulos laterais e colaterais da Matriz de Caeté, cuja autoria ainda é desconhecida, mas que mantém afinidades escultóricas e ornamentais com a talha do retábulo-mor da Capela do Convento das Macaúbas e, principalmente, com os retábulos colaterais da mesma Capela, que, apesar da documentação não indicar o nome do artista que os executou, provavelmente, são de autoria de Manoel de Azevedo.

\*\*\*

As exposições realizadas explicitam que, na busca por se identificar os artistas que assumiram a edificação da arte da talha em Minas, muitas vezes, as atribuições de autorias consideram apenas algumas características que perpetuaram nas obras dos entalhadores de maior destaque no contexto artístico, desconsiderando-se a presença de artistas que se encontravam imersos nas

oficinas dos mestres mais renomados e que exerceram significativa contribuição para concretização dos serviços.

Nessas oficinas, faziam escola os demais entalhadores e assimilavam os cacoetes e traços escultóricos do mestre, reproduzindo-os de tal forma que, em algumas situações, torna-se difícil dissociar quem esculpiu as peças: se foi o mestre ou seus auxiliares, visto que esses últimos realizavam grande parte dos serviços. Desse modo, justifica-se a importância de se estudar esses núcleos de trabalho, aprendizagem e de propagação de modos de esculpir que foram responsáveis por divulgar, em Minas, estilos e preferências escultóricas em voga, influenciando gerações de entalhadores.

Sobre os entalhadores Amaro dos Santos, Manoel João e Manoel de Azevedo Peixoto é necessário empreender pesquisas a respeito de suas obras, uma vez que os resultados podem trazer preciosas informações para o estudo da talha setecentista, em Minas Gerais.

### Fontes Manuscritas

ARQUIVO DA CASA SETECENTISTA DE MARIANA. *Ações cíveis*, Códice 251, Auto 6217, Cartório do 2º ofício.

ARQUIVO DA PARÓQUIA DE NOSSA SENHORA DO PILAR. *Livro de receitas e despesas da Irmandade do Santíssimo Sacramento*, 1749-1810, vol. 218.

ARQUIVO DO ESCRITÓRIO TÉCNICO II DO IPHAN. São João del-Rei, *Inventário*, 1765, Noronha, José Coelho de, Inventariante: Leitão, Sebastião Ferreira, Caixa: 345.

ARQUIVO ECLESIAÍSTICO DO ARCEBISPADO DE MARIANA. *Livro de receitas e despesas da Irmandade de Nossa Senhora da Conceição*, 1747-1832.

ARQUIVO ECLESIAÍSTICO DO ARCEBISPADO DE MARIANA. *Livro de Receitas e Despesas da Irmandade Santíssimo Sacramento*. Matriz de Santo Antônio de Santa Bárbara, Prateleira X-12. Santa Bárbara 1741-1805.

ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO. Seção Colonial, Delegacia Fiscal, códice1075, fls.104, 127.

### Bibliografia

BORGES, Nelson Correia. Do Barroco ao Rococó, em: *História da Arte em Portugal*. Lisboa: Publicações Alfa, v. 8, 1986.

MARTINS, Judith. *Dicionário de artistas e artífices dos séculos XVIII e XIX em Minas Gerais*. Rio de Janeiro, Publicações da Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, nº 27, 1974.

PASSOS, Zoroastro Viana. *Em torno da história de Sabará*. Rio de Janeiro: Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 1940.

PEDROSA, Aziz José de Oliveira. *José Coelho de Noronha: artes e ofícios nas Minas Gerais do Século XVIII*. 2012. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Escola de Arquitetura, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

PEDROSA, Aziz José de Oliveira. Uma Oficina de talha na Sé de Mariana: o fazer artístico e o contrato de trabalho. In: *Varia História*, Belo Horizonte, v. 29, n. 50, p. 597-631, maio/agosto de 2013.

SOUZA, Joaquim Silvério de. *Sítios e personagens*. Belo Horizonte: Imprensa oficial de Minas Geraes, 1930.



Figura 1 - Retábulo-mor da Matriz de Nossa Senhora do Bom Sucesso, Caeté, Minas Gerais.  
foto: Aziz Pedrosa



Figura 2 - Retábulo de São Miguel e Almas da Sé de Mariana, Minas Gerais.  
Foto: Aziz Pedrosa



Figura 3 - Retábulo-mor da Capela de Nossa Senhora da Conceição do Convento das Macaúbas, Santa Luzia, Minas Gerais. Foto: Adalberto Andrade